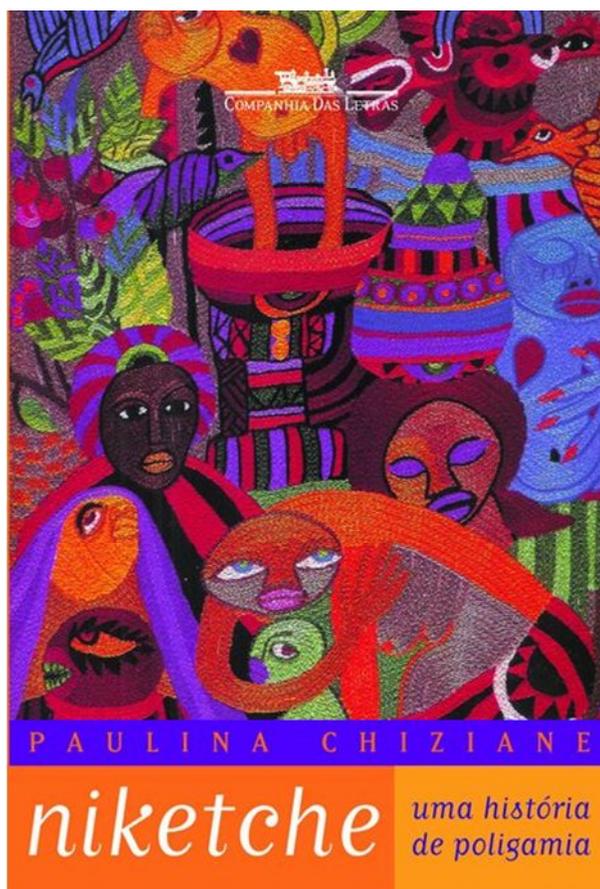


RESENHA

# Contentamento descontente: "Niketche" e a poligamia<sup>1</sup>

**Renato Alessandro dos Santos**

*Qu'importa a cor, se as graças, se a candura,  
Se as formas divinaes do corpo teu  
Se escondem, se adivinhão, se apercebem  
Sob esse tão subtil, ligeiro véu?*  
**Cândido Furtado**



*Niketche*, quarto romance de Paulina Chiziane, trata de um tema caro às mulheres moçambicanas, especialmente àquelas que vêm do sul do país: a poligamia. A narradora Rami, há duas décadas, é casada com Tony. Juntos, têm filhos, posses, estabilidade social. Mas ela descobre que o marido tem outras mulheres, e sua vida vira de pernas pro ar. Em Moçambique, como em outros países da África, a poligamia é permitida, para a tristeza de muitas mulheres que a aceitam, mesmo a contragosto. Rami, ciente dessa condição, parte do princípio de que a mulher, resignada e submetida aos caprichos dos homens, não deveria ser obrigada a passar por tal humilhação e injustiça e, por isso, acaba por reconhecer nas outras mulheres de seu marido não rivais, mas pessoas que, como ela, carregam nas costas o fardo da submissão feminina. É uma personagem de caráter extraordinário.

Há uma cena em que Rami e todas as outras mulheres de seu marido trancam-se nuas em um quarto com ele. O leitor magano e lobo mau esfrega as mãos e, em seguida, as pontas do bigode, seguro de que virá pela frente uma tórrida cena de sexo. Mas *Niketche* não busca 50 tonalidades cinzas, e os leitores descobrem

<sup>1</sup> Publicado originalmente no site Tertúlia: <<http://tertuliaonline.com.br/postagem/ver/466>>. Disponível em: 14 jun. 2016.

que tal situação, para qualquer homem nas condições de Tony, é uma experiência terrível e cheia de agouro.

Paulina Chiziane foi a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, *Balada de amor ao vento*, algo que ocorreu apenas em 1990, mas ela, mais do que romancista, considera-se mesmo é uma contadora de histórias. Os leitores podem entender essa diferença à medida que avançam na narrativa; para o bem: o texto flui doce como água de rio; para o mal, ao final, não restam muitas pedras pelo caminho, algo que sempre faz diferença na literatura. Porém, a fluidez do texto assegura a adesão e o interesse do leitor, que se surpreende com as peripécias que o enredo vai tomando e, cheio de fôlego, segue até o fim, virando as páginas numa velocidade de leitura surpreendente.

O que faz um escritor decidir-se por apertar essa ou aquela tecla? O que quer que seja levou Chiziane a focar menos em temas que nas literaturas africanas de língua portuguesa são mais comuns, como política, colonialismo, guerra civil etc., embora estejam ali, e mais em questões que remetem ao amor, ao sexo, à vida conjugal – vista de dentro e de fora do casamento; daí emergir termos como “kutchinga”, “licabo”, makanga” e “niketche” – dança de amor tradicional do norte de Moçambique:

*“Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom.*

- O Tony devia celebrar e não chorar. Cinco esposas dançando *niketche* só para ele – diz a Mauá. – Que maior prova de amor espera ter?”

Com isso, ao discutir a poligamia, Chiziane enfatiza, também, as diferenças culturais entre o norte e o sul de Moçambique – diferenças que nas mãos e na alma das mulheres expõem a violência física e psicológica do sufocante patriarcado exercido, lá em África, fora e dentro de casa.

Por último, vale afirmar que homens e mulheres têm muito a aprender com o romance de Chiziane: os primeiros, para se envergonhar da secular vilania masculina; já as mulheres, para se desvencilhar de uma subserviência legada a elas a ferro e fogo e que, de uma vez por todas, não tem mais lugar de ser.